

INDICADORES DE RISCO AO DESENVOLVIMENTO DE ADOLESCENTES PARTICIPANTES DE PROJETO SOCIAL EM PRESIDENTE PRUDENTE - IDADE, SEXUALIDADE E VIOLÊNCIA.

Rita de Cássia Ferreira dos Santos, Taciana Kisaki Oliveira, Profª Dra Renata Maria Coimbra Libório. – Educação - Educação Física - Departamento de Educação – Faculdade de Ciências e Tecnologia – Campus de Presidente Prudente.

O trabalho a ser apresentado é parte de um estudo que visa investigar aspectos relacionados aos comportamentos de risco, fatores de risco e de proteção de adolescentes e jovens de 14 a 24 anos de idade, ambos os sexos, nível socioeconômico baixo, das capitais brasileiras. Este projeto faz parte de uma pesquisa em âmbito nacional, que esta sendo desenvolvida em várias capitais brasileiras: Porto Alegre, Recife, São Paulo, Campo Grande e Brasília, sob a coordenação geral da Profª Dra Sílvia Helena Koller, da UFRGS. A pesquisa em Presidente Prudente esta sendo realizada sob a orientação da Profª Dra Renata Maria Coimbra Libório, do Departamento de Educação da FCT-UNESP de Presidente Prudente. Tendo em vista estas considerações, o presente projeto de pesquisa visa buscar informações sobre aspectos relacionados ao desenvolvimento pessoal e social de adolescentes e jovens, na capital de Minas Gerais e no município de Presidente Prudente, interior do Estado de São Paulo, de forma a auxiliar em análises comparativas a respeito dos comportamentos de risco ao desenvolvimento, bem como aspectos relacionados ao contexto e à proteção, quando consideradas capitais e cidades de médio porte. Compreender quais são os problemas que os adolescentes e jovens enfrentam na realidade das capitais brasileiras, bem como em cidades de menor porte nos auxiliará no dimensionamento de quais são os fatores e indicadores de proteção relevantes que auxiliam no desenvolvimento e na promoção de resiliência. O presente estudo baseia-se nos aspectos centrais da Abordagem Ecológica do Desenvolvimento Humano (AEDH) desenvolvida por Urie Bronfenbrenner, que se destaca por sua singularidade, mais que por seu poder científico, ao propor a interação de diferentes esferas do funcionamento psicológico e desenvolvimento, tanto em relação à teoria quanto ao delineamento da pesquisa.

Neste trabalho pretendemos analisar dados preliminares sobre indicadores de risco relativos a: faixa etária, gênero, vida sexual e violência sofrida em um grupo de adolescentes que freqüentam um Núcleo de Ação Comunitária, no município de Presidente Prudente, sob a coordenação da Secretaria Municipal de Assistência Social deste município. Os adolescentes e jovens participantes deste projeto encontram-se em situação de exclusão social e recebem auxílio, na forma de bolsa de complementação de renda.

Com os resultados desta pesquisa temos como intenção elaborar uma reflexão sobre o cotidiano dos participantes, que subsidiará uma discussão sobre políticas públicas a serem direcionadas aos grupos sociais que vivem condição similar.

Para a coleta de dados foi utilizado um questionário para levantamento de dados biopsicodemográficos, fatores de risco e de proteção social e pessoal, especialmente produzido para este estudo, contendo 109 questões, de múltipla escolha e algumas questões abertas. Destas 109 questões, para o presente trabalho foram analisadas as variáveis relativas à faixa etária, gênero, vida sexual e violência. Foram calculadas as estatísticas descritivas das variáveis relacionadas acima. Para esta análise foi utilizado o software SPSS, versão 12.0. A composição da amostra, para este trabalho, contou com a participação de 21 adolescentes, com idades entre 14 a 19 anos de idade, de ambos os sexos.

A média de idade verificada entre os adolescentes foi de 15,8 anos de idade, sendo 28,6% do sexo masculino e 71,4% do sexo feminino. De acordo com a tabela 1, verificamos que 42,9% já tiveram sua primeira relação sexual e 57,1% ainda não. A média de idade da primeira relação é de 14,5 anos de idade e quando perguntados sobre o parceiro da primeira relação sexual, o namorado ou namorada aparecem em primeiro lugar com 85,7% dos respondentes, conforme a tabela 2. Ressaltamos que Baleeiro e cols (1999), a partir de pesquisa realizada sobre sexualidade com adolescentes, apontam que em razão da liberação dos costumes e a erotização da mídia, os jovens tendem a ter as primeiras experiências sexuais cada vez mais

precocemente; os mesmos autores mencionam que cada vez mais, essas experiências se dão entre adolescentes de um mesmo grupo social e fora dos relacionamentos estáveis. Contraditoriamente à presente pesquisa, esta constatação não se evidencia.

Tabela 1 Distribuição dos jovens segundo a primeira relação sexual.

PRIMEIRA RELAÇÃO SEXUAL	Frequência	Percentual	Percentual Válida	Percentual Acumulada
SIM	9	42,9%	42,9%	42,9%
NÃO	12	57,1%	57,1%	100,0%
Total	21	100,0%	100,0%	

Tabela 2 Distribuição dos jovens segundo a idade da primeira relação sexual e o primeiro (a) parceiro (a).

IDADE DA PRIMEIRA RELAÇÃO SEXUAL	PARCEIRO (A) PRIMEIRA RELAÇÃO SEXUAL				Total	
	NAMORADO (A)		AMIGO (A)		Frequência	Percentual
13	2	28,6%	0	0	2	28,6%
14	0	0	1	14,3%	1	14,3%
15	3	42,9%	0	0	3	42,9%
17	1	14,3%	0	0	1	14,3%
Total	6	85,7%	1	14,3%	7	100,0%

Identificando a diferença por sexo, de acordo com a tabela 3, observa-se que os rapazes afirmaram mais que as moças já terem tido a primeira relação. A desigualdade que caracteriza as relações de gênero pode ser percebida na vivência sexual desses jovens. Como vivemos em uma cultura sexista, que diferencia a educação de homens e mulheres, para os meninos manter relações sexuais pode ser uma forma de afirmação.

Tabela 3 Distribuição dos jovens segundo o gênero e a primeira relação sexual.

GÊNERO	PRIMEIRA RELAÇÃO SEXUAL				Total	
	SIM		NÃO		Frequência	Percentual
MASCULINO	4	19,0%	2	9,5%	6	28,6%
FEMININO	5	23,8%	10	47,6%	15	71,4%
Total	9	42,9%	12	57,1%	21	100, %

A adoção de métodos anticoncepcionais é considerada um fator de mediação no desenvolvimento humano, pois seu uso freqüente pode se tornar um fator de proteção, enquanto o uso eventual ou o não uso, podem ser considerados comportamentos de risco. No que se refere à freqüência de adoção de métodos anticoncepcionais, de acordo com a tabela 4, 11,1% disseram usar às vezes e 88,9% disseram usar sempre. Em pesquisa realizada com adolescentes do sexo feminino sobre o uso de métodos anticoncepcionais no início da década de 1990, Takiuti (1993) observou que apenas 5% dessa população utilizavam algum tipo de contraceptivo. Em comparação com esses números, podemos observar um aumento significativo na utilização dos métodos contraceptivos pelos adolescentes. Porém, devemos atentar para o fato de que o discurso desses jovens pode não ser condizente com a prática, pois apenas o conhecimento dos métodos anticoncepcionais não indica seu uso efetivo.

Tabela 4 Distribuição dos jovens segundo a faixa etária e o método anticoncepcional.

IDADE	MÉTODO ANTICONCEPCIONAL				Total	
	ÀS VEZES		SEMPRE		Frequência	Percentual
14	0	0	1	11,1%	1	11,1%
15	0	0	1	11,1%	1	11,1%
16	1	11,1%	3	33,3%	4	44,4%
17	0	0	2	22,2%	2	22,2%
19	0	0	1	11,1%	1	11,1%
Total	1	11,1%	8	88,9%	9	100,0%

Dos métodos anticoncepcionais utilizados, apresentados na tabela 5, a camisinha e a pílula são os mais citados, com 66,7% e 56,6% respectivamente. Na comparação por gênero, o uso da camisinha foi indicado por 22,2% dos jovens do sexo masculino e por 44,4% das jovens do sexo feminino. A pílula foi indicada como método anticoncepcional por 33,3% dos meninos e por 22,2% das meninas. Em comparação com a fase já concluída da pesquisa nacional (Koller et al, 2005), houve uma inversão dos valores absolutos referentes ao uso dos métodos anticoncepcionais por gênero, já que nesta foi verificada que o método mais citado pelos homens foi a camisinha e pelas mulheres, o mais citado, foi a pílula. Na presente pesquisa observamos nas práticas que isso pode se dar pela hipótese de que os jovens projetam a responsabilidade no parceiro.

Tabela 5 Distribuição dos jovens segundo os métodos anticoncepcionais mais utilizados e o gênero.

MÉTODO ANTICONCEPCIONAL		GÊNERO				Total	
		MASCULINO		FEMININO		Frequência	Percentual
MÉTODO	SIM	3	33,3%	2	22,2%	5	55,6%
PÍLULA	NÃO	1	11,1%	3	33,3%	4	44,4%
Total		4	44,4%	5	55,6%	9	100,0%
MÉTODO	SIM	2	22,2%	4	44,4%	6	66,7%
CAMISINHA	NÃO	2	22,2%	1	11,1%	3	33,3%
Total		4	44,4%	5	55,6%	9	100,0%

A tabela 6, em relação à violência vivenciada em casa, 90,5% dos adolescentes relatou nunca ter sido vítima, enquanto 9,5% disseram ter vivenciado muito raramente. Ainda em relação à violência, 61,9% dos adolescentes relataram vivenciar violência em sua comunidade enquanto 38,1% disseram não vivenciar. O fato de os adolescentes e jovens não terem citado sofrer violência em casa não significa que não aconteça, pois de acordo com Azevedo (1989) existe uma subnotificação destes casos a órgãos competentes e algo similar pode estar acontecendo com esses jovens.

Tabela 6 Distribuição dos jovens segundo o gênero e a violência em casa e na comunidade.

VIOLÊNCIA		GÊNERO				Total	
		MASCULINO		FEMININO		Frequência	Percentual
VIVENCIA	SIM	0	0	2	9,5%	2	9,5%
VIOLÊNCIA	NÃO	6	28,6%	13	61,9%	19	90,5%
EM CASA		6	28,6%	15	71,4%	21	100,0%
Total		6	28,6%	15	71,4%	21	100,0%
VIVENCIA	SIM	4	19,0%	9	42,9%	13	61,9%
VIOLÊNCIA	NÃO	2	9,5%	6	28,6%	8	38,1%
NA COMUNIDADE		6	28,6%	15	71,4%	21	100,0%
Total		6	28,6%	15	71,4%	21	100,0%

Quando se fala em indicadores de risco, de acordo com a literatura da área, consideram-se condições, comportamentos, situações ou características de natureza psicológica, econômica, cultural, política e/ ou social, presentes na vida do sujeito ou em sua comunidade, seja por ação intrínseca ou extrínseca, que afetam o desenvolvimento humano. As medidas preventivas constituem a melhor forma de atuação sobre estes fatores e essas medidas devem ser desenvolvidas por meio da ação integrada das áreas de educação e saúde. No cenário da educação brasileira, nos Parâmetros Curriculares Nacionais, a inclusão da orientação sexual como um eixo transversal do currículo é contemplada. Porém, existem desafios a serem superados, como a formação dos professores e a forma destes temas serem incluídos em suas aulas.

AZEVEDO, M.A. Crianças vitimizadas: a síndrome do pequeno poder. São Paulo: Iglu, 1989.

BALLEIRO, M.C; SIQUEIRA, M.J; CAVALCANTI, R.C; SOUSA, V. Sexualidade do adolescente: fundamentos para uma ação educativa. Salvador: fundação Odebrecht; Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Educação e Secretaria de Estado da Saúde de Minas Gerais, 1999.

KOLLER, S.H; RIBEIRO, J; CERQUEIRA-SANTOS, E; MORAIS, N. A; TEODORO, M. L; Juventude Brasileira: Comportamentos de Risco, Fatores de Risco e de Proteção. Relatório Técnico da Pesquisa Apresentado ao Banco Mundial. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2005.

MORAIS, N. A. & KOLLER, S. H. Abordagem ecológica do desenvolvimento humano, psicologia positiva e resiliência: ênfase na saúde. In Ecologia do desenvolvimento humano: pesquisa e intervenção no Brasil. Org: S. H. Koller. São Paulo: Casa do Psicólogo. 2004.

TAKIUTI, A.D. A saúde da mulher adolescente - 1993. In: Quem mandou nascer mulher. Org: F.R.Madeira. Rio de Janeiro: Record/ Rosa dos tempos. 1997. p. 213-290.

YUNES, M. A. M. & SZYMANSKY, H. Resiliência: Noção, conceitos afins e considerações críticas. In Resiliência e educação. Org: J. Tavares. São Paulo: Cortez. 2001. p. 13-42.

Financiamento da pesquisa: FAPESP.

